

RUBYA CAROLINE LIMA FERREIRA

**“APROPRIAÇÃO DO CORPO E CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA”
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE**

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria
Psicanalítica

Orientadora: Professora Dra. Julieta Jerusalinsky

COGEAE – PUC SP

2014

RESUMO

O presente trabalho se debruça sobre a apropriação do corpo como decorrência da constituição do psiquismo e, portanto, da relação com o outro - propulsora à construção da subjetividade e ingresso à alteridade.

Neste sentido, percorre os constructos freudianos no que se refere à abordagem da Psicanálise na escuta do corpo que, inicialmente, encontra na histeria, uma tomada primordial: longe de ser compreendido em seu aspecto anatomopatológico, sob o olhar freudiano o corpo da paciente histérica espelhava um conflito psíquico, calcado numa historicidade.

Transitamos, então, sob as formulações deste autor que, se precipitam a leitura do corpo para compreensão e intervenção ante o sofrimento da paciente histérica, passam a conjecturações que tomam este objeto enquanto anteparo primordial a apropriação da subjetividade.

Este trabalho percorre as teorias que buscavam compreender o corpo, para além de seu aspecto somático; retoma a noção de sexualidade em Freud para adentrar suas formulações quanto a constituição psíquica e, à partir de então, assinala a conceituação freudiana da apropriação do corpo enquanto uma travessia: uma passagem da parcialidade pulsional ao estabelecimento de uma superfície corpórea que precedera as possibilidades de subjetivação e encontro com a alteridade.

Como aponta este trabalho, fundamentado em formulações freudianas e articulado sob conceitos lacanianos, tal processo engendra a elaboração da castração, a implicação dos Ideais do Eu e os endereçamentos que poderão se armar enquanto referências simbólicas do ser.

Palavras-chaves: Psicanálise, corpo, desejo, inscrições

ABSTRACT

This paper focuses on the appropriation of the body as a result of the constitution of the psyche and therefore the relationship with the other - driving the construction of subjectivity and entry to otherness. In this sense, runs through Freudian constructs with regard to the Psychoanalysis approach in body hears that initially found in hysteria, a primary outlet: far from being understood in its anatomopatológico aspect, under the gaze Freudian body of the hysterical patient mirrored a psychic conflict, based on a historicity. We transition then under the formulations of this author that rush to read the body for understanding and intervention to suffering from hysterical patient, pass the conjecturações taking this object as the primary screen the appropriation of subjectivity. This work covers the theories that sought to understand the body, beyond its somatic aspect; takes the concept of sexuality in Freud to enter their formulations as the psychical and, starting from then, points to the Freudian concept of appropriation of the body while crossing: a passage of drive bias to establish a body surface that preceded the possibilities of subjectivity and encounter with otherness. As pointed out this work, based on Freudian formulations and articulated in Lacanian concepts, this process engenders the development of castration, the implication of the ideals of self and addresses that may be armed while symbolic references of.

Keywords: Psychoanalysis, body, desire, inscriptions

“Os olhos são a candeia do corpo...”.
São Mateus.

Sumário

1	Introdução.....	1
2	A Sexualidade em Freud.....	8
3	A Constituição do Corpo Pulsional	10
4	O Corpo do Narcisismo.....	17
5	Corpo sexuado e interditado.....	24
6	Conclusão.....	35
7.	Bibliografia.....	38

1 Introdução

Desde os primórdios da obra freudiana, a Psicanálise é intimamente enlaçada ao estudo do sofrimento que se apresenta no corpo. Até meados do século XVIII, tal objeto se colocava sob o domínio do saber médico que fomentava sua observação nos limites anatomopatológicos e restringia a noção de sexualidade à puberdade. O corpo em Freud passa a ser tomado de um lugar outro: enquanto objeto que padece, que não se justifica num protótipo médico, mas evidencia arranjos de uma estrutura psíquica que comunica além da formação do sujeito, a presentificação de seu sintoma - a saber, o corpo da histérica. (FREUD, 1893-1895/1996).

Em sua doença, esta paciente do século XIX refletia o lugar social que lhe cabia e o divórcio com o pensamento dualista até então apregoado. A medicina, que tomava a lesão para nomeação da doença, passa a assistir ao sofrimento para o qual não há justificativa anatômica - a conversão histérica. Em artigo datado de 1888, Freud esboça uma série de características entendidas como gerais na sintomatologia da histeria:

Muito próximo de uma área de pele absolutamente insensível, poderá haver uma outra área de sensibilidade absolutamente normal. Concomitantemente com um braço completamente paralisado, poderá haver, do mesmo lado, uma perna perfeitamente intacta. [...] Ademais, os sintomas histéricos mudam de uma forma que, de saí0064a, exclui qualquer suspeita de lesão orgânica. (FREUD, 1888/ 1996 p. 13).

Ao se voltar a um modelo de constituição psíquica atravessada pela ótica do desejo, o pioneirismo freudiano transcendeu a concepção anatômica, morfológica e orgânica do corpo observando-o à luz da sexualidade, enquanto objeto atravessado por libido e pulsão (FREUD, 1905/1987).

Na escuta das histéricas, o padecimento somático passa a ser investigado, também, sob o cenário do psiquismo. Em “Comunicação Preliminar” (1893), texto inaugural ao atendimento clínico de Anna O., o autor aponta: “Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (p. 48).

O deslocamento epistemológico delineado por Freud em meados do século XIX encontrou na análise do corpo um pilar estrutural: o rompimento com o pensamento catártico, a avaliação do sofrimento humano para além da concepção

biofisiológica, e a tessitura do sujeito fitada também pela ótica do que lhe escapa e atravessa - as manifestações do inconsciente.

Enquanto ávido aprendiz dos experimentos de Charcot especialmente no período de 1885 a 1886, Freud já ensaiava no laboratório do Salpetriê um salto a Psicopatologia. Ao se lançar a análise do sofrimento presentificado na figura da histérica, ensejou um percurso íngreme que colocava o corpo enquanto eixo central na constituição do sujeito e na formação de seus sintomas. Seu olhar apreendeu na histeria um corpo que espelhava um conflito psíquico, calcado numa historicidade (FREUD, 1893-1895).

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos” (1905/1987), o tema da histeria é enlaçado aos estudos sobre a organização psíquica, à concepção da sexualidade que se arma desde a tenra idade e ao trabalho do inconsciente e suas consequências na clínica psicanalítica. Em “Notas Preliminares”, ao retomar formulações discutidas em A Interpretação dos Sonhos (1980/1900), o autor ponderou:

Se é verdade que a causação das enfermidades histéricas se encontra nas intimidades da vida psicosssexual dos pacientes, e que os sintomas histéricos são a expressão de seus mais secretos desejos recalcados, a elucidação completa de um caso de histeria estará fadada a revelar essas intimidades e denunciar esses segredos. (FREUD, 1905/1987, p. 16).

Ainda nesta obra, em menção às próprias formulações que já ensaiavam uma leitura do corpo para além de palco para o sintoma, então enquanto anteparo primordial a apropriação da subjetividade, assinalou:

Alegra-me poder dizer que os esforços feitos em nossos Estudos tiveram êxito; as ideias ali defendidas sobre os efeitos dos traumas psíquicos através da retenção do afeto, bem como a concepção dos sintomas histéricos como o resultado de uma excitação transposta do anímico para o corporal, ideias estas para as quais criamos os termos “ab-reação” e “conversão”, são hoje universalmente conhecidas e compreendidas. (FREUD, 1905/1987, p.244).

A fim de compreender o que manifestava, dissimulava ou transbordava na sintomatologia histérica, Freud desenvolveu um percurso às possibilidades de teorização de sua etiologia que, invariavelmente, se voltou ao corpo numa acepção outra. Despontava deste contexto, uma leitura que não ignorava o conjunto biológico passível de um exame anatomopatológico, mas ampliava à epistemologia vigente a

apreensão do corpo em uma configuração pulsional, regida por uma trama singular até então marginalizada pelo pensamento médico-psiquiátrico. No artigo “O corpo em Psicanálise”, Lazzarini (2006) analisa:

Do trabalho clínico de Freud com as histéricas surge, ainda de uma forma incipiente, o corpo psicanalítico - marcado pelo desejo inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem - que se contrapõe ao corpo biológico, constituído pelos órgãos e sistemas funcionais, o organismo físico. O corpo da psicanálise, que evidencia a sexualidade, traz à tona, posteriormente, uma lógica dada pelo erotismo e regulada pelo desejo. (p. 243)

Entre os anos de 1895 e 1897, a abordagem freudiana discorreu amplamente sobre o trauma enquanto emolduração da estrutura histérica. Esta teoria aluía a ideia de um acontecimento vivenciado de modo singular: o corpo subjulgado a um evento inassimilável e, portanto, excessivo ao repertório do sujeito. Neste sentido, a experiência vivenciada passivizava ao limite do irrepresentável.

Ao se voltar a teia representacional construída desde a tenra idade, Freud postulou os atributos de quantidade e qualidade, enquanto dimensões das afetações. Se a primeira se referia a catexia ou investimento àquilo que se colocava enquanto representação; A segunda abordava a maneira pelo qual o sujeito se afetara, ou ainda, o modo pelo qual as sensações lhe tocaram o eu, em sabor e sentido:

[...] consideramos os sintomas histéricos como efeitos e resíduos de excitações que atuaram sobre o sistema nervoso como traumas. Não há permanência de resíduos dessa natureza quando a excitação original é descarregada por abreação ou pela atividade do pensamento. Não é mais possível, a esta altura, evitar a introdução da ideia de quantidades (ainda que não mensuráveis). Devemos considerar o processo como se uma soma de excitação, atuando sobre o sistema nervoso, se transformasse em sintomas crônicos, na medida em que não fosse empregada em ações externas na proporção de sua quantidade. (FREUD, 1893/1996, p.117).

Enquanto modelo causal, tal concepção entendia o sintoma como o escoamento do demasiado: o trauma se configurava não em detrimento da experiência em si, mas do sujeito que, não encontrando recursos em seu repertório, se via intoxicado pela vivência - trauma enquanto estímulo para o qual o não fora possível estabelecer resposta ou representação. O corpo neste cenário não era entendido apenas como receptáculo da experiência, mas palco para lembrança e eco do que não fora integrado ao eu. Em outras palavras, uma memória se inscrevera no corpo e

deste lugar ela vazara, ainda que a vivência fosse distanciada da consciência (FREUD, 1895 /1969).

Contrário à dicotomia razão x emoção, Freud passa a sustentar a noção de representação afetiva, que unia “ideia” à possibilidade de “significação”. Já tateando a noção do discurso enquanto elemento estruturante, a técnica da hipnose era entendida como recurso de acesso ao passado e, consequente, resgate da lembrança e do afeto a ela associado (Freud, 1980/1914).

O autor entendia que os sintomas de suas pacientes guardavam a soma de excitações que não foram dissipadas. Enquanto o conteúdo consciente afugentava a lembrança, o corpo na conversão histérica representava o retorno de um estado psíquico já experimentado que, no entanto, não encontrara uma descarga adequada. Ao apresentar a teoria do trauma, seu olhar desvela à imagem da histérica a permanência de uma memória no corpo. Sob a vista freudiana, se o trabalho articulado pelas pacientes para a sustentação do “não saber” mobilizasse a etiologia sexual da histeria, o corpo denunciava uma marca - que não se materializava na concepção anatômica, mas numa formação psíquica (Freud, 1980/1914).

Ao longo do artigo “Estudos sobre a histeria” (1893-1895/1996), Freud rastreia àquilo que no corpo comunicava além de processos conscientes, uma mente inconsciente. Neste contexto, não desprezava o organismo que comparecia na queixa histérica, mas expandiu análise àquilo que no corpo e pelo corpo conjugava sexualidade, instâncias psíquicas e saber inconsciente na estruturação do humano.

No trajeto destas formulações (FREUD 1980/1893-1895), para além de receptáculo das afecções e porta-voz de uma organização, o corpo passa a ter enquadre numa esfera constitutiva que se retroalimenta pela via do desejo: o olhar de outrem. Assim, tal objeto não se coloca apenas como cenário para o processo de subjetivação, mas exerce sobre este protagonismo: Além de recepcionar experiências o corpo passa a ser entendido, paulatinamente, como partícipe da construção psíquica e da inscrição da alteridade (Freud, 1925/1980).

O postulado faz lembrar a composição “Bilhete”¹. Nesta canção, há um objeto de amor a ser abandonado, repentinamente. Tal realidade é tida como desestruturante e avassaladora, de modo que a despedida toca o transbordamento. A lembrança do

¹ Trecho da música Bilhete (1980), de Ivan Lins

outro que insistia no corpo, bem como a economia psíquica envolvida neste contexto é assim metaforizada:

“Quebrei o teu prato, tranquei o meu quarto, bebi teu licor. Arrumei a sala, já fiz tua mala, pus no corredor. Eu limpei minha vida, te tirei do meu corpo. Te tirei das entranhas, fiz um tipo de aborto. E por fim nosso caso acabou, está morto (...)”.

Ao se voltar à produção do sintoma histérico como um enigma inconsciente que cifra simbolicamente o corpo, o pensamento freudiano articulou sob a esfera da sexualidade a dimensão fantasmática do corpo. Então, o processo de constituição da vida erógena que soma as contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais, a história libidinal que singulariza o sujeito em sua organização pulsional.

Tal concepção não se dá de maneira gratuita, mas é gradativamente semeada por meio da análise de casos, como os de Ana O, Sra. Emmy, Miss Lucy R., Katharina, Elisabeth Von N. No estudo de suas pacientes, Freud encontra um terreno fértil para a investigação psicanalítica que diante do enigma considera o corpo enquanto indissociável do psiquismo (FREUD, 1895/1969).

Ao subverter a moral vigente do século XIX, pautada pela racionalidade e leitura anatômica/ biológica do humano, Freud (1905/1987) coloca em cena a apropriação do corpo de modo atrelado à constituição do psiquismo.

O conceito de pulsão é uma pedra angular dessa articulação psique-soma na teoria psicanalítica:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica (FREUD, 1905/1987, p. 157).

Ao chamar atenção aos diferentes momentos pulsionais que se apresentam ao longo da infância, Freud revela que a organização sexual que se produz na busca do prazer é o que move a constituição psíquica desde o início da vida:

Destacamos como característica da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente auto-erótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços para obtenção de prazer. O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena [...] (FREUD, 1905/1987, p.185)

No percurso anterior a esta elaboração, o autor desenvolve a Teoria da Sedução, à partir da qual se supunha que o sintoma histérico era decorrente de um conteúdo sexual que entrava em conflito com a consciência: a lembrança de uma cena de sedução, realizada por um adulto, durante a infância. Paralelo à figura da histeria, então, insurgia um perverso na efetivação do ato transgressor. Novamente o corpo comparece como lugar de atenção e recanto de memória - aquilo que ocorrera em período anterior passa a justificar a desorganização patologizante. Então, o trauma como disparador da doença (FREUD 1893-1895).

Freud toma o relato de suas pacientes como vivência literal e estabelece enquanto fio condutor da histeria: a crença em um evento que registrara a invasão do outro (a ocorrência da cena de sedução); A incapacidade da criança em nomear a vivência; o recalque do acontecimento; E o retorno da cena na adolescência que, neste período, passaria a ganhar uma dimensão traumática.

A teoria que sustentava a materialidade do discurso é confrontada com o fracasso na remissão dos sintomas, além da improbabilidade à estatística social. Numa síntese as principais objeções deste período: i) o retorno a cena sofrida, via sugestão, não alterava o curso da doença e ii) seria necessário considerar que para cada neurótico se impunha um pai pedófilo (FREUD 1893-1895).

O cálculo inverossímil e a descrença nesta teorização produz uma manobra no discurso freudiano (FREUD, 1897/1996). A reformulação de paradigma se volta, agora, a realidade psíquica que postula no corpo a sexualidade, na gama de seus significantes. Sobre esta concepção, Bastos (1998) explica:

O corpo sexual é o corpo infantil seduzido e apossado pela pulsão. Ele não surge com a puberdade. É produto da sexualidade infantil. A sexualidade infantil nasce apoiando-se nas funções vitais promotoras de excitações corporais indistintas na sua origem que, no divórcio entre a necessidade

e o desejo, configuram, de um lado, o corpo das necessidades vitais e, de outro, o corpo do desejo sexual (p. 75).

Assim o corpo que a Psicanálise - sob a voz de seguidores do pensamento freudiano passa a abordar - é, sobretudo, um corpo pulsional que une objeto à afetividade; linguagem e cultura na fundação do aparelho mental, real e simbólico, então, propulsor da subjetividade.

É no trânsito destes termos que a Psicanálise amplia o olhar ao corpo, enquanto constituição traçada sob a sexualidade e, neste sentido, a historização do sujeito na gama de seus significantes e circuitos pulsionais, inscritos desde os primórdios: a mamada, o afago, a higienização, dentre todo o conjunto que se arma ao supor sujeito, potência, organismo, vida, no amplo sentido do que se postula “existência”, no bebê (FREUD, 1923/1974).

Numa vasta abordagem ao tema em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos” (1905/ 1987), Freud se debruça sob o corpo da libido, da pulsão que é, portanto, erogeneizado à partir do outro: o terceiro que o marca e o instala no mundo. Nesta perspectiva, o sujeito é inscrito no mito familiar pelo contorno que adjaz deste olhar organizador, transmissor e constituinte.

Em Freud, o corpo coloca em metáfora e metonímia a demanda intrínseca a existência do humano: o reconhecimento de si e do outro que tem como pano de fundo o desejo e suas configurações na história libidinal, singularmente delineada. A poética de Kaváfis em “Lembra, corpo...” (2007), parece elucidar esta construção:

“Lembra, corpo, não só o quanto foste amado,
não só os leitos onde repousaste,
mas também os desejos que brilharam
por ti em outros olhos, claramente,
e que tornaram a voz trêmula - e que algum
obstáculo casual fez malograr.
Agora que isso tudo perdeu-se no passado,
é quase como se a tais desejos
te entregaras - e como brilhavam,
lembra, nos olhos que te olhavam,
e como por ti na voz tremiam, lembra, corpo”.

Este trabalho se debruça sobre tal percurso, que envolve a apropriação do corpo como decorrência da constituição do psiquismo e, portanto, da relação com o Outro, propulsora à construção da subjetividade e ingresso à alteridade.

E se o conteúdo introdutório dessa monografia toca as raízes do pensamento freudiano acerca da compreensão do corpo, as articulações à seguir apontam para as contribuições do pensamento psicanalítico, sob a abordagem lacaniana, que permanece a gerar frutos na construção de saberes sobre o “humano corpo”, para além do “corpo humano”.

2 A Sexualidade em Freud

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos” (1905/1987), Freud apresenta suas investigações sobre a constituição psíquica a partir da ontogênese. A sexualidade é tomada, neste contexto, para além da vertente biológica - enquanto fator que se faz presente desde as primeiras experiências infantis.

Nesta obra o psicanalista dá ênfase a constituição de um corpo pulsional à partir da relação do filhote humano com os outros. Então, a relação que se arma entre o *infans* e seus cuidadores desde a tenra idade, num processo fundamental a formação psíquica. Tal concepção foi ampliada pela corrente lacaniana, que sustenta a ideia de sujeito atravessado pelo Outro encarnado na figura da mãe - que o coloca na sexualidade, o insere numa filiação e lhe inscreve na linguagem e na cultura (LACAN, 1988).

Ao abordar o funcionamento do aparelho psíquico Freud (1905/ 1987), se volta às fases precoces da constituição humana, portanto, ao princípio da infância - momento em que “*a vergonha, o asco e a moral ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção*” (p. 179). Em sua concepção, tal período demarcaria além do advento, as manifestações daquilo que nomeou por *sexualidade infantil*: anterior a vida sexual adulta, se armaria na infância um corpo marcado pelo polimorfismo das vicissitudes pulsionais. Ou seja, tendo por finalidade a satisfação, o bebê buscaria na variabilidade de objetos e multiplicidade de fontes atender às exigências pulsionais. A busca pelo prazer se posiciona a revelia da castração. Neste sentido, não há primazia em elementos ou partes do corpo, mas voracidade em relação à experiência de satisfação. Como avaliou: “O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo” (FREUD, 1931, p.239).

Na dissecação do tema, Freud introduz o conceito de pulsão na contramão de instinto. Se esse último se organiza pelo ato da reprodução, como o que acontece na vida animal - que tem a sexualidade regulada por um saber instintivo e fixo, situado pela herança filogenética; A pulsão, por sua vez, aponta para a sexualidade humana que, logo no início da vida, tem por finalidade única a satisfação e a produção de prazer por meio de objetos variados - daí a consideração da sexualidade infantil como *perversa polimorfa* (FREUD, 1905/1987).

Numa exemplificação ao tema pode-se pensar: Os cães entram no cio. Neste caso, a reprodução insurge enquanto ação desencadeada por um instinto fixado. A sexualidade humana, por sua vez, advém de um enredo libidinal que organizará singularmente a pulsão, em um processo que tem como protagonismo a relação entre Eu e o Outro, inicialmente encarnado por aquele que exerce a função materna para o bebê.

A abordagem freudiana entende que nos primeiros anos a criança experimenta as experiências de prazer e desprazer na parcialidade de diferentes zonas erógenas. Portanto, no início da vida não há uma visão integrada de si, tampouco uma imagem inconsciente do corpo como uma unidade. As primeiras experiências são parciais, fragmentadas. Os órgãos do bebê (como boca, nariz, genitais) se colocam como fontes de estimulação e atuam como receptores de estímulos. Sendo estes lugares de importantes trocas, presença-ausência de objetos (voz, alimento, fezes) e de cuidado dos outros. São regiões privilegiadas para se estabelecerem como zonas erógenas, que inscrevem no corpo a dimensão do prazer. A respeito da zona erógena, Freud (1905/1987) afirma: *“Trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade”*.(p. 187-188).

Ao abordar a função da amamentação, por exemplo, Freud ultrapassou a noção do objeto seio enquanto recurso para erradicação da sensação fome e o colocou na dimensão do prazer partilhado numa relação. Sobre o tema, escreveu:

[...] Os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem a preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (FREUD, 1905/1987, p.170).

A experiência do sugar tendo sua nascente em uma necessidade orgânica, não se limita a esta. É agora entendida como o *“sugar com deleite”* (p.168) que, no encontro com o corpo infantil marcado pelo polimorfismo das vicissitudes pulsionais - ou seja, voltado à obtenção de prazer pelas partes do corpo - estabelece entre mãe e bebê uma interlocução: a erogeneização inicial se inscreve para além do orgânico e transforma o pedaço de carne - a matéria corpo - em palavra: palavra ao bebê, no bebê e através dele .

Pela lente freudiana as moções sexuais estão presentes desde os primeiros anos pondo em cena o corpo que, além da dimensão biológica, se constitui em um processo intersubjetivo e, portanto, efeito de uma história libidinal sujeita ao psíquico e ao somático (FREUD, 1914-1916).

A comunidade médica vienense que detinha um saber voltado ao corpo enquanto organismo recebeu com mal estar a formulação freudiana: No postulado quanto à presença das moções sexuais desde as fases precoces da constituição humana, Freud (1905/1987) produz um salto epistemológico em relação à noção de “corpo biológico”, próprio do saber médico de seu tempo, e propõe a produção de um corpo libidinal atrelado à constituição do psiquismo. Daí a noção de corpo pulsional, como resultante da inscrição do prazer e desprazer.

3 A Constituição do Corpo Pulsional

Como sintetizado na Conferência XXI (1916-1917/1969) a questão da sexualidade ganha sob a ótica freudiana uma ampliação nodal: se arma desde a infância, não se limita a reprodução, ultrapassa a maturação biológica e, inicialmente, toma a figura da mãe ou seus substitutos enquanto central para a constituição psíquica - na medida em que tal constituição depende radicalmente das experiências da vida sustentadas na relação da criança com seus cuidadores.

Na obra freudiana a sexualidade é entendida como efeito de sucessivas inscrições de prazer e desprazer que estabelecem um corpo pulsional. Este corpo não se coloca apenas como “palco para a vivência”, está profundamente articulado na

constituição psíquica. Em “O ego e o ID e outros trabalhos” (1923/1974), Freud observa: “O ego é antes de tudo uma superfície corporal”. (p.238).

A dupla cuidador(a)\bebê, que se armará no início da vida, poderá convocar o sujeito à linguagem e o incluí-lo à cultura. Neste sentido, Freud (1905/1987) aponta para a necessidade de uma inscrição fundamental: a experiência do prazer desfrutada na relação. Tal vivência é singularizada pela função da mãe - seja na sustentação de um balanço rítmico, na voz melodiosa que sussurra uma canção, no colo que acalenta o seu bebê, na intimidade das brincadeiras inventadas, no cheiro do corpo que abraça, sorri, toca, banha, troca, comemora, gesticula, escuta e intervêm - de modo que o cuidado fica permeado pela inscrição de prazeres e desprazeres sustentados em significações inconscientes, postas em cena na relação da mãe com o bebê.

Em Freud (1914-1916) o Eu é constituído de libido, termo que pode ser também compreendido por “apetite sexual”. E as denominadas pulsões sexuais se articulariam, ao longo da vivência humana, em função da busca pelo prazer e evitação do desprazer. Em suas palavras: “[...] até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio do prazer, isto é, que ela é automaticamente regulada por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer” (p.141).

A imagem evocada por Freud da metamorfose pela qual passa a borboleta, alude à ideia da constituição da sexualidade enquanto um processo gradativo que não nasce decidido, e que está sujeito as contingências da vida e relação com os outros sendo, portanto, é um trajeto a ser singularmente percorrido:

Por agora, devem reter firme em mente que a vida sexual (ou, conforme dizemos, a função libidinal) não emerge como algo pronto e nem tem seu desenvolvimento ulterior ditado pelo seu próprio aspecto inicial, mas passa por uma série de fases sucessivas que não se parecem entre si; sua evolução repete-se, portanto, várias vezes - como o da lagarta em borboleta. (FREUD,1917, p. 340)

Na leitura freudiana, inicialmente, o bebê experimenta partes de seu corpo - não há uma ideia consolidada de si ou apreensão do próprio corpo de maneira integrada. Sob esta desorganização inicial se posiciona a função materna, de modo que, os cuidados que privilegiarão determinadas partes do corpo da criança, bem como a experimentação de ausência e presença de estímulos tenderão a se inscrever no corpo do bebê como zonas erógenas. Daí a relevância do pensamento psicanalítico

às primeiras relações objetais, sem as quais não há constituição psíquica que possa ocorrer (FREUD, 1905/1987).

Em resposta à interrogativa: “Como se apresenta o corpo à criança?”, Levin (1995) escreveu:

É o Outro que vai criando nesse puro corpo “coisa”: buracos, bordas, protuberâncias, tatuando deste modo um mapa corporal produto do desejo do Outro, que o erogeiniza e pulsionaliza, ou seja, cria-lhe uma falta no corpo, uma maneira, uma forma que lhe falte algo. [...] Estas marcas, estes modos de que falte algo no corpo, transformam-no num corpo erógeno e simbólico (p. 52).

Em Freud (1914-1916), a constituição psíquica se dá, também, de modo inconsciente na trama das relações. Na tenra idade a criança tem seu corpo ainda em etapa de descoberta e constituição erógena. O corpo é, portanto, atravessado pela pulsão e se volta à busca da satisfação. É a mãe, ou aquele que exerce a função materna, em seu toque, olhar e presença acolhedora quem estabelecerá uma tradução inicial, uma leitura do que diz o corpo do bebê e propiciará, na relação, o delineamento de circuitos pulsionais. A princípio os pais inserem seu bebê no campo do próprio desejo e, deste lugar, inscrevem na criança algo de si. Estas marcas, então, possibilitarão ao *infans* as inscrições primordiais de seu psiquismo - o que também quer dizer, apropria-se subjetivamente do seu corpo.

Numa composição da década de 90, Chico Buarque escreveu: “*Quero ficar no teu corpo feito tatuagem. Que é pra te dar coragem pra seguir viagem quando a noite vem (...)*”. Ora *tatuagem*, que também nomeia a canção, metaforicamente poderia traduzir as inscrições possibilitadas aos pais em relação aos seus filhos nos primeiros anos. Os cuidados direcionados a um bebê não se estacam ao atendimento da necessidade, apontam um saber inconsciente, o desejo dos pais - com o qual o sujeito necessitará se haver ao longo de seu desenvolvimento.

Na compreensão do Eu também como um constructo de funções em razão da libido, Freud aponta que o psiquismo é constituído por uma complexa pré-história que tem como núcleo inicial a relação entre a criança - que inicialmente não possui uma noção de unidade da imagem do corpo, e a função materna - os cuidados, as carícias e afins. Se tal enlace possibilita a constituição de um bebê a partir da libido de seus pais, inscreve paulatinamente no *infans* traços transmitidos inconscientemente pela

mãe. Traços que também representarão essa mãe para o bebê ainda que, inicialmente, sejam experimentados de modo fragmentário.

Então não é apenas um perfume no ambiente - é o reconhecimento da presença materna. Já não se trata de mais um estímulo auditivo - a voz “dela” ante ao berço passa a ser discriminada. E o ritmo da canção sob o colo que o embala agora faz dormir. O pioneirismo freudiano traçava, já no início do século XIX, que a experiência de prazer decanta da relação.

A tônica recai, portanto, à presença do Outro encarnado: a consideração deste ao corpo da criança - do que se passa com ele, da maneira com a qual o adulto faz circular seus objetos, como o “xixi” e o “cocô”, por exemplo. Ao eleger certas zonas erógenas - tais como anal, oral e genital – Freud (1905/1987) concede menos relevância a localização do órgão impulsionador da satisfação, que ao valor implicado àquilo que se passa entre criança e cuidador. Tal discurso soma aos cuidados maternos a responsabilidade pela erogeneização do corpo de um bebê:

A qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa. [...] Tal como ocorre no chuchar, qualquer outra parte do corpo pode ser provida da excitabilidade da genitália e alçada a condição de zona erógena (p.172).

A vertente freudiana confere ao início da vida a parcialidade pulsional, uma vez que neste momento não há configuração da própria imagem ou primazia genital, mas a experimentação do corpo por uma geografia de minúcias: no encontro com as sensações vivenciadas em seus órgãos, como pele, olhos, ânus, o bebê passa a experimentar pulsões parciais por pares de opostos: prazer-desprazer. No trabalho *Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1916/1976), Freud observa:

[...]posso agora descrever-lhes a forma que toma a vida sexual ,da criança, antes do estabelecimento da primazia dos genitais: essa primazia já tem seus preparativos no primeiro período da infância, prévio ao período de latência, e se organiza, permanentemente, da puberdade em diante. Uma espécie de organização frouxa, que pode ser chamada ‘pré-genital’, existe durante esse período inicial (p.331).

Na fase pré-genital é ao próprio corpo, ainda sob organização fragmentada, que o bebê se volta à busca pelo reencontro com o prazer na parcialidade das zonas erógenas, à partir das experiências de satisfação já experimentadas. Daí a terminologia freudiana de autoerotismo, enquanto a possibilidade da criança obter

prazeres pulsionais a partir de seu corpo. O autoerotismo demanda, então, uma inscrição anterior - precedida pelo Outro, já que neste mecanismo o sujeito revisita as marcas que a experiência de satisfação uma vez lhe transmitiu (FREUD, 1905/1987).

Freud postula que nos primeiros anos não há fixação ou ordenação da libido - é a presença do outro que traduzirá o indizível, o inóspito, o estranho que se coloca no meio, naquilo que acontece no corpo do bebê, no que é por ele presenciado. Este corpo, quando envolto por um outro que estabeleça uma intimidade corporal prazerosa, passa a conceder às "partes" - como assim é visto o corpo pela criança - nomeações e particularidades que singularizam a relação do sujeito com seu corpo, com o outro, com o meio. No registro da sexualidade, tal processo ascende no bebê à sensação de satisfação, que será para sempre buscada:

[...] Quem já viu uma criança saciada recuar do leite e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, hão de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão de satisfação sexual em épocas posteriores da vida (FREUD, 1905/ 1987, p.170).

Como enfatiza a Psicanálise, a experiência de satisfação não é dada, mas fruto de uma relação que se inscreve no circuito do desejo e da demanda. A função materna, quando construída numa estreita identificação com o bebê, atinge além do corpo orgânico voltado a necessidade àquele também pulsional, imbrincado na constituição do psiquismo.

Se nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos" (1905/1987), Freud aborda as zonas erógenas enquanto determinadas regiões que, uma vez estimuladas propiciariam a criança a experiência de satisfação. Em "Introdução ao Narcisismo" (1914-1916/1980), num salto ao tema, ele escreve: "Temos então apenas mais um passo a dar. Podemos decidir considerar a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos [...]" (p.100).

Entre a possibilidade de qualquer parte do corpo ser erogeneizada e o alvo sexual da pulsão infantil, Freud chama a atenção à produção intersubjetiva que adjaz da relação:

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos que a natureza tenha tomado

medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso (FREUD, 1905/ 1987, p. 172).

Ao nascer, a criança é incapaz de responder às necessidades intrínsecas a sua existência, se auto nomear, tampouco conjecturar sua história em relação ao presente ou futuro. A princípio, um bebê tem apenas seu corpo. Este objeto não lhe implica somente o território dos perceptos e sensações - o instala no campo da afetividade. Ainda que em prematuridade, o bebê se oferece como objeto de desejo de outrem.

Como aponta Lacan (1957) em retomada aos constructos freudianos, em condições saudáveis de desenvolvimento, logo nos primeiros anos poderá se instalar a equação *pênis-falo-bebê*. Então, a mãe situará o *infans* como objeto do seu desejo, se apropriará do ritmo do seu bebê, irá tomá-lo como seu falo e propiciará a criança um endereçamento em relação aos Ideais da cultura. Esta relação especular, que avaliaremos detalhadamente no próximo capítulo, deverá ser atravessada e cortada pela função paterna.

A mãe traça desde a concepção de uma gravidez um discurso, um lugar, uma redoma de quereres, expectativas, fantasias e desejos, antes mesmo da materialização do recém-nascido. Faz pensar a menção teológica: “*No principio era o Verbo. E o Verbo era Deus*”. Ora, a criança é antes o simbólico, a palavra, a expressão do desejo no fantasma materno. Daí a equação simbólica *pênis-falo-bebê*, desde a qual o *infans* assume um lugar no desejo materno. Nas palavras de Freud:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa - usualmente, a mãe - contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. (FREUD, 1905/ 1987, pág. 210)

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos” (1905/ 1987), Freud situa como os diferentes objetos pulsionais circulam entre a mãe e a criança e adquirem seu valor nessa relação. Segundo ele, o conteúdo intestinal é tratado inicialmente pela criança enquanto “parte de seu próprio corpo”, representando o primeiro “presente” que a criança endereça a mãe: “ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação” (p.174).

Ora, uma mãe que desfruta a relação com seu filho não dirá a este: *“Este produto de seu intestino me causa ojeriza dado os seu odor”*. Antes sorrirá e enlaçará este objeto em um circuito pulsional que propiciará uma inscrição a este bebê que considera esse “resto do seu corpo” em uma equação simbólica, em que ele assume metaforicamente outra significação. Então, a higienização diária poderá acontecer meio a risos, brincadeiras inventadas, talvez cócegas nos pés sob uma recepção carinhosa: *“Meu doce fez todo esse cocô para mamãe trocar. Vamos já cuidar disso pra ficar muito cheiroso?”*. Assim, o objeto “cocô” passa a ser incluído em um circuito pulsional. Como enfatiza a abordagem lacaniana, o investimento materno apresenta à criança seu corpo, permitindo-lhe representar o seu afeto.

Como abordaremos no próximo capítulo, a função materna antecipa na criança uma unidade, uma imagem que o *infans* ainda não é capaz de formular. A mãe opera, então, uma relação de reconhecimento com esta imagem e, ao fazê-lo, possibilita a criança uma aproximação imaginária com seu próprio corpo.

É o pioneirismo freudiano que vem apontar a subversão da sexualidade humana, antes relegada estritamente a concepção orgânica e ao primado da reprodução. Ao avaliar a temática à luz da Psicanálise, o autor passa a compreender o corpo como *locus* para a subjetividade: além de palco para a maturação biofisiológica este objeto é observado desde o lugar que precipita o enraizamento da imagem de si (FREUD, 1914/1980).

Como apontado por Julieta Jerusalinsky em aula sobre o tema: *“A apropriação imaginária do corpo não está garantida, ela depende da constituição psíquica e pode não ocorrer”*. Em outras palavras, o corpo biológico não define a sexualidade - mas a inscrição libidinal dos primeiros anos, as afetações internas e externas circulantes nas relações, além do encontro entre a criança e as primeiras figuras objetais, que situam o marco no qual se produzirá a constituição psíquica do bebê.

Assim sob o pilar do desejo do Outro o bebê é lançado a “teia” do significante e do investimento, que precede a superfície corpórea e enreda a história libidinal. Em nota editorial a “Escritos da Criança” (2008), Diana Corso reflete:

[...] Sabemos que a criança nos faz chegar muito perto do que é “ser de alguém”. Sabemos que a nós, neuróticos, a condição de objeto do outro horroriza, mas justamente também fascina. Conhecemos algo desta condição, mas a custo de muita

angústia, e é para nos protegernos dela que erigimos nossos sintomas.

Como enfatizado ao longo deste trabalho, em Freud o corpo é abordado à luz da sexualidade, que não se encerra à função reprodutiva. Sua compreensão desnuda um processo, um trajeto singular passível a inscrições, atualizações e fixações que fazem do corpo erógeno uma construção indissociavelmente atrelada à constituição do psiquismo; E do psiquismo uma constituição que decanta das experiências de prazer e desprazer produzidas ao longo da infância na relação com os outros, fundamentalmente implicados nos seus cuidados.

Numa clínica psicanalítica tais colocações poderiam fomentar as interrogativas: Qual corpo se mostra? O que ele da a ver em ato daquilo que o paciente não consegue representar? (LEVIN, 1995).

A Psicanálise vem lembrar que a formação do psiquismo se dá no trânsito de elementos sensoriais, olfativos, estéticos e afetivos que se inscrevem pela via da relação: encontrar no outro um corpo para dormir, trocar, brincar, regozijar, ouvir, conversar, fantasiar, se “sujeitar” precipita no bebê a constituição psíquica e enreda neste uma aproximação imaginária com seu próprio corpo. (Freud, 1914/1980; Lacan, 1957).

Portanto, o esquema corporal, compreendido pela Psicanálise não é dado pelo corpo orgânico - carne, matéria. É engendrado num percurso, numa conquista a se fazer - que, na melhor das hipóteses, trilha a ideia da passagem de uma fragmentação sensorial e ao prazer da parcialidade da zona erógena ao estabelecimento de uma superfície corporal. Em outras palavras, “ter um corpo” ou “apropriar-se do corpo” é percorrer as experiências iniciais de prazer e desprazer, experimentadas na relação com os outros, que levam da parcialidade das zonas erógenas à produção de uma superfície corporal atrelada à potência imaginária do Eu-Ideal. E, à partir daí, à travessia da castração e ao seu saldo de inscrição dos Ideais do Eu como referências simbólicas do ser. Tema que veremos nos capítulos seguintes:

4 O Corpo do Narcisismo

A Psicanálise lança luz além do corpo erógeno, que revisitamos no capítulo anterior - aquele narcísico, fruto da evolução da libido que alude a íngreme passagem do autoerotismo ao amor objetal. O corpo antes recortado pela pulsionalidade parcial

e, portanto, apreendido de maneira fragmentária - lembremos que nos primeiros anos a criança não possui uma imagem unificada de si - se estabelecerá numa operação outra: Da apreensão de parcialidade de zonas erógenas para o estabelecimento do “corpo e suas partes”, daí a concepção de corpo unificado (FREUD, 1905/1987).

O bebê que nos primeiros meses experimentava a satisfação a partir das zonas erógenas significados pela função da mãe - será conduzido a um momento de organização que poderá culminar numa ideia de si - o próprio “corpo e suas partes”. A criança, então, estará às voltas da tênue diferenciação entre Eu e o outro; o mundo e o si mesmo.

A título de exemplo poderíamos pensar na queixa infantil: “Minha perna dói, mamãe”. Ora o que sublinha esta oração: “dói em mim / em uma parte de mim” não é algo dado, mas construído na relação de cuidado e erotização do bebê por sua mãe.

Em Freud (1914/1980), o narcisismo alude à possibilidade de síntese das pulsões sexuais numa unidade. A partir de uma compreensão evolutiva o autor postula que o autoerotismo, apresentado no estado inicial da libido, passaria à eleição de um objeto de amor. Então o narcisismo primário demarcaria o investimento do sujeito em seu próprio corpo, e àquele entendido como secundário representaria a entrada de um objeto outro, com o qual o sujeito desfrutasse de um estreito laço afetivo - nesse sentido, a criança e sua cuidadora primordial:

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que cuida dele - e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal (p.104).

Como analisou Freud (1914/1980), a criança se constrói psicicamente na relação com seus pais. Ou seja, a história singularizada pela relação mãe e bebê enreda neste último à possibilidade de subjetivação. Na análise do autor: “O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário [...]” (p. 117).

Em Freud (1914/1980) a travessia do autoerotismo ao amor objetal nunca o é sem consequências já que implica, desde as fases precoces da constituição psíquica, a figura de um terceiro - sem o qual não há sujeito que possa acontecer ou corpo que se possa “assujeitar”. Longe de ser neutro ao seu entorno, o corpo é arcação de memórias tecidas a luz da interlocução: O bebe chora e a mãe vem ou não. Portanto,

o gesto, o cuidado, a ausência, a escuta, dentre os muitos atos e afetos circulantes na relação possibilitam além do acesso a psíquê do bebê, sua própria formação.

Há uma linguagem inconsciente que desde a concepção de uma gravidez fala ao bebê, outorga-lhe um lugar na trama familiar e precipita uma anunciação no desejo materno (Lacan, 1964).

A este respeito tomo emprestado o verso de Madalena Ribeiro para refletir o regozijo da maternidade que, logo no estado embrionário de uma gravidez, pode estabelecer um campo erotizado entre o bebê e sua mãe. Então, a presença desta última diante do espelho, acariciando a barriga que desponta aos seus olhos, poderia ser poeticamente traduzida pela exclamação:

Fantasia me inundam a mente e te imagino assim
Nunca te vi, mas teu olhar acompanha meu caminhar
Nunca senti teu abraço, teu calor
Mas te sinto e te abraço
Nunca te vi
mas te encontro em cada esquina do meu cotidiano
Tento te encontrar em meu olhar distante,
Tento te ver nos meus pensamentos divagantes
Nunca te vi mas te vejo como se fossemos nós

O momento de encantamento vivenciado pelos pais em relação aos seus filhos é compreendido na obra freudiana enquanto o investimento das primeiras figuras objetais que revivem com seus bebês o próprio narcisismo, há muito adormecido. Voltemos a uma análise do autor a respeito:

[...] O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior (FREUD, 1914/1980, p. 108).

Os vestígios do infantil que fora recalcado pelo adulto retornarão, então, na relação com o *infans*, que passará a ocupar o lugar de “Sua Majestade, o bebê” (pag 108). Na revivência e reprodução do próprio narcisismo, o adulto convida a criança a ultrapassar o autoerotismo e adentrar esta nova fase do seu desenvolvimento libidinal - o advento do narcisismo. Como avaliou Freud (1914-1916/1980):

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário

que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo (p. 93).

Sob a lente freudiana o narcisismo implica, irremediavelmente, uma relação que além de fundamental é fundante ao *Eu*. Ora o próprio nascimento é condição para o *duo*; a sobrevivência do *infans* a realização desta dupla; o percurso da subjetivação o arranjo possibilitado pela relação. Como uma colcha de retalhos que não existe, senão, pela multiplicidade de linhas, cores e figuras que se entrelaçam, o corpo do sujeito é também porta voz da variedade de conteúdos que de maneira consciente e inconsciente lhe foram transmitidos no campo relacional, desde as fases precoces de sua existência.

Em Freud (1914/1980), o narcisismo sustentado pelos pais ou aqueles que exercem esta função engendra o narcisismo da criança que, paulatinamente e em curso saudável de desenvolvimento, abrirá espaço para o estabelecimento de relações objetais. Como ponderou: “Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele.” (p. 116).

O bebê experimenta no corpo sensações e percepções que não tem como representar. É por meio da ação específica do adulto que estas percepções adquirem significação e são sancionadas como prazer e desprazer. Assim, é nesta relação que se tece o fio condutor para o processo de erotização e significação. Aquilo que o *infans* comunica receberá, então, uma nomeação, um sentido, uma pulsionalização pelo corpo da mãe. Se, por exemplo, a criança estiver quietinha no berço com o olhar dito “distante”, a genitora talvez buscará sua atenção numa afirmativa: “*Que saudades, amor!*”. Ante ao seu choro poderá interrogar: “*Essa lágrima é de cólica, meu bebê?*”.

A implicação do narcisismo na apropriação do corpo pelo bebê foi também objeto de investigação e análise da corrente lacaniana, o que propiciou além da retomada dos constructos freudianos - sua ampliação.

Na elaboração do denominado Estádio do Espelho, Lacan (1975/1986) discorreu sobre o intervalo temporal do sexto ao décimo oitavo mês em que o bebê antecipa uma imagem de si à partir de um processo de identificação. Nesta concepção o Outro, encarnado na figura da mãe, oferece ao bebê uma imagem de potência imaginária que antecipa uma unidade corporal ideal para o bebê, sancionando simbolicamente: “Este é você”. O bebê, por meio dessa relação, se aliena nessa

imagem e, por meio do Outro, estabelece uma imagem de si. Sobre o assunto, o autor apresenta:

A só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real [...] É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo - dimensão estrutural do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia (LACAN 1975/1986, p. 96).

Na esteira do conceito freudiano de narcisismo, Lacan apreende no Estádio do espelho o registro do imaginário enquanto pilar estrutural do desenvolvimento psíquico que, irrevogavelmente, implica o corpo e o Outro na constituição do sujeito. Cukiert e Prizskulnik (2002) em “Considerações sobre eu e o corpo em Lacan”, sintetizam:

Como paradigma do Imaginário, o estágio do espelho se refere à forma como a imagem do corpo próprio, a partir do outro, tem um papel fundamental na formação do eu e na imagem assumida pelo sujeito.

Em Lacan (1983), o encontro com este objeto inteiro - a imagem do corpo da mãe - concede ao *infans* uma antecipação imaginária de sua unidade corporal. Dado às próprias condições maturacionais, um bebê sozinho não conseguirá formar uma imagem unificada de si. Nesta perspectiva, a ênfase se volta a um processo anterior ao controle da dimensão neuromotora pela criança. Nas palavras do psicanalista:

O processo da maturação fisiológica permite ao sujeito, num dado momento da sua história, integrar efetivamente suas funções motoras, e ascender a um domínio real do seu corpo. Só que é antes desse momento, embora de maneira correlativa, que o sujeito toma consciência do seu corpo como totalidade. (p. 96)

Anterior ao domínio real do próprio corpo incide o trabalho do imaginário: amalgamada na figura da mãe a criança passará a construir uma ideia de si. Na abordagem lacaniana, a imagem ideal e a sanção simbólica de reconhecimento oferecidas pelo Outro - encarnado pela mãe - é constitutiva da imagem do bebê. Levin (1995) enriquece esta temática nos seguintes termos:

O corpo imaginário é o corpo das imagens. Efeito de identificação a uma imagem, a esta imago imaginária de unidade, espaço ilusório e virtual constituinte do “eu ideal”, “ideal” de perfeição a ser alcançado e que é inconsciente. Imagem que não é constituída e sim constituinte do corpo de

um sujeito. Imago que até poderíamos dizer, é a causa do corpo, subvertendo o arcabouço da função anatômica (p. 63).

O Estádio do Espelho vem lembrar que desde os primórdios da constituição humana, faz-se necessário o Outro que ouça aquilo que o bebê, por meio de seu corpo, diz, que possibilite a inscrição deste no simbólico e conceda-o um lugar na sexualização. Como ressaltou Lacan (1953-1954): “[...] a situação do sujeito é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra” (p.97).

Nesse sentido, o Outro me concerne e é por meio dele que me vejo, me compreendo e me estabeleço numa ideia de eu, inicialmente enquanto imagem alienada em outrem. A escrita de Levin (1995) nos auxilia nesta reflexão:

Desde um primeiro momento a criança reconhece seu desejo através do desejo materno. Esta é a condição para que a criança aceda ao seu corpo. Junto a isso, no entanto, é imprescindível que haja um corpo para esse desejo: o corpo da criança e, ao mesmo tempo, o corpo de sua mãe, já que a criança não só reconhece o desejo por meio da sua imagem especular, mas, além disso, o faz por meio do corpo do outro. (p. 56).

De acordo com a corrente lacaniana, o bebê é referido por meio dos significantes que vem do outro. Este fator é *sine qua non* para a construção de uma cadeia simbólica que antecipará na criança uma imagem, antes mesmo de sua maturação fisiológica ou neuromotora: Ainda há um embrião no ventre materno e pode-se já ouvir a genitora dizer: *“Ele terá o sorriso da mamãe!” / “Vai ser inteligente como o papai!”*. Ao longo da trajetória do bebê, a relação primordial imprimirá neste marcas, saberes, atravessamentos que lhe descortinarão a possibilidade da alteridade. Como nos adverte Lacan (1986): “O desenvolvimento só ocorre na medida em que o sujeito se integra ao sistema simbólico, aí se exercita, aí se afirma pelo exercício de uma palavra verdadeira” (p.104).

Na voz do psicanalista Alfredo Jerusalinsky (1990), em “A formação da imagem corporal (Psicanálise e Psicomotricidade)”, os efeitos da singularização do corpo do bebê pela relação primordial ganham a tradução seguinte:

[...] A subjetivação do corpo abre suas vias quando o cocô é “presente”, quando o grito é “chamado”, quando o domínio muscular é “gracinha”, ou a habilidade é “grande futuro”. É a dimensão significativa a que introduz o tempo nesse presente inacabável de gozo corporal. [...] É para o Outro que a nossa

imagem no espelho se endereça, e é de seu olhar que imaginizamos o que somos enquanto corpo (p. 91).

Na acepção lacaniana, o bebê captura nas minúcias do cuidado, na imagem que lhe devolve o espelho e no encontro com o corpo oferecido pela maternagem a possibilidade de uma pré acepção de si. A noção de corpo fragmentado poderá ser sucedida pela imagem de um corpo que agora se vê inteiro por uma via singular: os olhos de sua mãe. Jerusalinsky (1990) pontua tal dimensão nos seguintes termos:

O bebê recolhe religiosa, minunciosamente, cada traço, cada marca, cada emissão da voz materna, cada letra e cada gesto, e os solda ao redor de cada buraco que nele se manifesta como substância gozante: a boca, o ânus, a orelha, as vias aéreas, a manifestação muscular. Tenta, assim articular um domínio [...] desse boneco esquartejado, recolhendo os pedaços no espelho totalizante que a mãe lhe oferece (p. 87-88).

A construção da imagem de “si mesmo” pela criança se dará na primazia do desejo materno, ali mesmo onde há lugar para o “corpo acontecer”. Como pontua Levin em “A clínica psicomotora” (1995):

“A criança não pode pôr em si mesma um nome, não pode se dar um ser, não pode ter um corpo. Porém, havendo recebido um corpo e um nome do Outro, pode ser; ou seja, ser diferente das coisas e, por isso, nomeá-las e nomear-se” (p. 66).

Em revisitação as articulações lacanianas sobre o objeto deste trabalho, Bergés, em “O corpo e o olhar do Outro” (1988), postula a noção do corpo enquanto *receptáculo* - então palco de inscrições que propiciarão a criança, além de seu desenvolvimento, a possibilidade de subjetivação. O autor enfatiza que é constituinte ao sujeito a maneira pela qual são acolhidas suas questões. Desde a concepção de sua origem à trama de desejos que lhe atravessam é ao Outro que o sujeito retorna na acepção de si. Em suas palavras: “O corpo é antes de mais nada um receptáculo, um lugar de inscrição, uma trama implacavelmente destinada a imprimir-se com os cenários, as cores de outrem, a começar pela servil cópia do motivo” (p.51).

Se no estudo do Narcisismo Lacan se apropria dos constructos freudianos e os amplia na concepção do Estádio do espelho, também coloca em cena uma problemática fundamental: o corpo que desde o início da vida requer uma interlocução, uma imagem que ao reconhecer sujeito no bebê atua como raiz para o seu próprio reconhecimento. Como precisa Bergés (1988): “[...] Na origem o Eu está no Outro”. (p. 52).

Como advoga a vertente lacaniana, nos primórdios a mãe se oferece como imagem ao seu bebê - se funde a este numa relação que deverá ser barrada pelo Nome do Pai. O estágio do espelho, portanto, culminará numa separação - nunca sem consequências: O sujeito se perceberá uno e na integração do seu corpo estará implicado a lembrança, o delineamento simbólico no desejo do Outro, as marcas inscritas desde a tenra idade (LACAN, 1955-1956/1988).

O sujeito social é, então, inscrito na linguagem e na cultura pelo conjugado de vozes que se articulam no interior da sua. Como uma colcha de relações costurada, desde os primeiros anos, a partir do objeto de expressão primordial do *infans*: o seu corpo.

Neste sentido, a noção de individualidade e coletividade, não é dada, mas efeito de uma constituição que desde a infância engendra experiências que organizam e formam no corpo em maturação, a possibilidade da alteridade - temática a ser investigada no capítulo seguinte.

5 Corpo sexuado e interditado

Na abordagem do Complexo de Édipo, Freud rediscute e amplia sua análise do corpo sexuado, precipitada nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos” (1905/1987) e advoga sob este uma interdição, que propiciará a instalação do sujeito na cultura e culminará no próprio processo civilizatório, como analisado posteriormente em “Totem e Tabu” (1913/197).

O autor na Conferência XXI (1916-1917/1969) parte da tragédia grega de Sófocles para discorrer sobre um “romance familiar”, que tem como cerne a relação entre mãe e bebê. Na lenda em foco, Édipo além de parricida é protagonista de uma relação incestuosa, há muito prevista pelos deuses: Mata o seu pai, desposa sua mãe e fura os próprios olhos, numa atitude de desespero e culpa pelo desejo que lhe outorgou a tragédia.

Na perspectiva freudiana, o conteúdo desta trama ilustra um processo comum a primeira infância, mas recalcado pelo sujeito ao longo de sua constituição psíquica. Segundo o autor, na contemplação do espetáculo o público:

reage como se, por auto-análise, tivesse reconhecido o complexo de Édipo em si próprio e desvendado a vontade dos deuses e do oráculo como disfarces enaltecidos de seu próprio inconsciente. É como se fosse obrigado a recordar os dois desejos - eliminar o pai e, em lugar deste, desposar a mãe - e horrorizar-se com esses mesmos desejos. (p. 387)

Freud (1917/1969) toma o mito do Édipo como pano de fundo para o estudo dos eventos mentais que, logo na tenra idade, entrelaçam à fantasia sentimentos de hostilidade e amor pelas figuras parentais, a constatação da criança em relação à diferença anatômica dos sexos e o corte simbólico representado pela castração, que abrirá vias à eleição de novos objetos de amor. Numa síntese, o autor apresenta:

Compreendemos ser o complexo de Édipo o correlativo psíquico de dois fatos biológicos fundamentais: o longo período de dependência da criança humana e a maneira notável pela qual sua vida sexual atinge um primeiro clímax do terceiro ao quinto ano de vida, e depois, passado um período de inibição, reinicia-se na puberdade (p. 335).

Novamente a abordagem do corpo assume protagonismo na obra freudiana à medida que este objeto é colocado, também, enquanto arcabouço e conjugação dos processos mentais. Ao apontar a realidade anatômica que diferencia o corpo de meninos e meninas, o autor ultrapassa a leitura fisiológica do genital masculino e toma o órgão desde o lugar da potência e do desejo. Insígnia que possibilitará a criança equações simbólicas e imaginárias na acepção de si e do outro, na diferenciação do mundo interno e externo, na construção de relações objetais para além do núcleo familiar. Neste sentido, Freud implica o corpo no fluxo da afetividade e na integração da moral e da lei. Cromberg (2004) nos propõe a reflexão seguinte em “O corpo e o conflito edípico”:

Talvez devêssemos tentar entender a realidade psíquica, que o conceito de complexo de Édipo tenta dar conta, como um momento do devir que tem a função de constituição de “sujeito a norma social”, assim como a etapa narcísica foi outro momento do devir, destinado a constituição de um eu que tem que se haver com a sobrevivência e com o acesso a realidade material, da qual posteriormente descobrirá, através do momento Edipo-Castração, do que é feita a sua consistência simbólica (p.203).

Como teorizado em “O Ego e o ID e outros trabalhos” (1923/1974), em condições saudáveis de desenvolvimento, a sexualidade humana transitará pela premissa universal da primazia fálica (“todos tem um pênis”), se defrontará com a

diferenciação entre aqueles que o detêm ou são deles destituídos (“somente algumas pessoas possuem o falo”) e necessitará operar a castração, que poderá culminar na feminilidade ou masculinidade na vida adulta. Freud (1923/1974) nos escreve a respeito:

No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino [...]. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. (p. 184).

Em Freud, o Complexo de Édipo é estruturante já que põe em voga a relação assimétrica dos pais em relação aos filhos que, deste lugar, excitam o corpo da criança ao exercício da fantasia e a inscrição da castração: ali onde nascerá o desejo, suscitará a negação. E será na introjeção dos conteúdos primordiais e no recalque dos desejos infantis que o superego se armará enquanto o portador e vigia dos Ideais do Eu, o representante da moral e da lei ou, ainda, a morada das vozes parentais. A conjectura do Complexo de Édipo, portanto, será precedida pelo superego. Lembremos a colocação freudiana: “O superego, segundo a nossa hipótese, originou-se, em realidade, das experiências que levaram ao totemismo”. (FREUD, 1923/1974, p.50).

No atravessamento de seu Édipo, a criança que estivera à margem do narcisismo primário assumindo o lugar de “sua majestade o bebê” buscará sê-lo junto a genitora, ou seja, estabelecer um reino uno e paradisíaco com este objeto: “*Eu sou o namorado da mamãe*”. E será a interdição paterna que vetará tal satisfação: “*O namorado da mamãe é o papai*” (FREUD, 1923/ 1974).

No complexo de Édipo, a proibição incide sob a fantasia e, deste plano, possibilita a formação do superego. A criança vivenciará uma crise de identidade, será frustrada no seu desejo incestuoso e necessitará recalcar os conteúdos insuportáveis, intrínsecos a este intervalo temporal. Como nos lembra Freud na Conferência XXI (1916-1917/1969), “A primeira escolha objetal de um ser humano é regularmente incestuosa [...], e necessita das mais severas proibições para impedir que essa tendência infantil persistente se realize” (p.391).

É no atravessamento do Complexo de Édipo que o sujeito realizará a escolha de um objeto, com quem construirá fantasias de erotização - “aquele que desejo ter”; E elegerá um outro com o qual estabelecerá uma relação de identificação - “aquele que desejo ser”. Dado ao caráter bissexual que constitui a sexualidade desde os primórdios, o processo de erotização (desejar o outro) bem como de espelhamento (querer ser o outro) poderão se alternar entre os objetos (mãe e pai) e propiciar a variação de afetos em relação a estes. A ambivalência que caracteriza a vida afetiva desde os primeiros anos poderá, por exemplo, no menino se manifestar na hostilidade direcionada a figura paterna. E em outro momento, ceder margem a eleição do genitor como objeto de amor, o que leva Freud (1923/ 1974) a propor que:

um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetual afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. (p.261)

No Édipo se arma e ensaia o que na fase adulta será reconhecido como a possibilidade da alteridade, então, a fluência da libido que possibilita o acesso ao campo do outro e a construção de laços afetivos. A enfática freudiana que “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (1905/1987, p.209) nos remete a consideração que as primeiras relações objetais estabelecem um modelo e uma marca a filogênese, e que seus vestígios não estarão noutro lugar, senão, nas escolhas conscientes e inconscientes da vida adulta: são aos núcleos fundamentais, construídos na infância, que o adulto se voltará na escolha de seus objetos de amor. Como assinala Freud:

A escolha objetual infantil era apenas uma escolha débil, mas já era um começo que indicava a direção para a escolha objetual na puberdade. Nesse ponto, desenrolam-se, assim, processos emocionais muito intensos que seguem a direção do complexo de Édipo ou reagem contra ele, processos que, entretanto, de vez que suas premissas se tornaram intoleráveis, devem, em larga escala, permanecer apartados da consciência. Dessa época em diante, o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais e, enquanto essa tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar membro da comunidade social. (FREUD, 1917, p.110)

Em “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924) Freud estabelecerá ampla discussão em relação às causas, implicações e trilhos singulares ao atravessamento e

dissolução do complexo de Édipo em meninos e meninas, e não cabe realizar uma análise pormenorizada do assunto neste trabalho. Todavia, para abordagem deste último capítulo “Corpo sexuado e interditado” me volto a um ponto nodal na vivência e dissolução do Édipo que, na melhor das hipóteses, se efetivará enquanto fator comum para ambos os sexos: a representação da castração materna e a formação do superego.

Sob a ótica freudiana, o Édipo implicará a interdição do incesto, culminará com a formação do superego e possibilitará a abertura para a articulação de novas trajetórias libidinais. Pelas palavras de Cromberg (2004):

A separação psíquica e corporal da mãe se dá num processo complexo, lento e doloroso de idas e vindas [...] Há uma criança imaginária narcísica que se submete a dinâmica dos ideais e às exigências da cultura. Há outra presa aos sonhos e quimeiras nascidos do desejo deste primeiro outro materno, criança que não se submete e que precisa ser morta sempre que ressurgir. (p.205).

Como amplamente abordado por Lacan no Seminário 5, “As formações do inconsciente” (LACAN, 1957-1958/1999) em um mesmo golpe o corpo do *infans* se defrontará com o motivo de seu gozo, a mãe enquanto objeto sexual, e sua interdição. O complexo de Édipo é, portanto, da ordem do “Aqui não!”. Então, o limite do gozo do Outro e a derrocada da fantasia de complementariedade. As marcas que as funções de maternagem e paternagem inscreverão no corpo do *infans*, a partir da linguagem simbólica, poderiam ser assim representadas: “Aqui não há como ser o que falta a sua mãe”; “Não há como possuí-la”; “E não há apenas você como objeto do amor materno”.

Como discutido nas obras “O ego e o ID e outros trabalhos” (1923/1974), e “Totem e tabu” (1913-1914), a interdição convoca o sujeito à sociedade e a cultura. A castração não é, portanto, concreta ou literal, mas fruto de uma operação simbólica. O Édipo implica além de um atravessamento - algo me acontece, me falta, me corta de outrem; Uma passagem à posição desejante que, também, coloca o sujeito frente à possibilidade da invenção - o que se faz com a falta, por excelência constitutiva, e as criações que apontam para o desejo articulado no laço social. “*Não basta mais ser o ‘fofucho da mamãe’*”. A criança terá que desenvolver certas condições alinhadas aos *Ideais do Eu*” - pontuou Julieta Jerusalinsky em aula voltada ao tema.

Se a consciência moral que se arma no período da latência surge como fruto da inserção do *infans* na sociedade e na cultura, ela é primordialmente constituída pela encarnação da crítica parental. Para Freud a criança construirá o Eu Ideal, seu projeto esplêndido a ser alcançado, sob a influência dos primeiros objetos de amor que somada às vozes articuladas pelo meio - círculo de amizades, ambiente acadêmico, profissional dentre outros representantes da crítica pública - instalará no superego a vigilância constante entre o Eu - publicamente apresentado e àquele ideal - fantasiosamente almejado. Como analisado em “O ego e o ID e outros trabalhos” (1923/1974),: “*Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno*”.(p. 51).

Ainda nesta obra, ao postular o superego como “herdeiro do complexo de Édipo”, Freud elege enquanto estrutura desta instância as primeiras relações objetais que conjugam a interdição do incesto; o meio que apregea as diretrizes da cultura e da vida em sociedade; e as experiências que marcam o sujeito de maneira consciente e inconsciente, sendo influenciadoras ao estabelecimento de um Ideal de Eu (Freud, 1923/1974).

Portanto, em Freud o precipitado da vida instala o bebê em um terreno singular: aquele em que a mãe, sob a lei da função paterna, se coloca ao sujeito enquanto raiz do seu processo de subjetivação. “*Para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos*” - nos diz o autor em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos” (1905/1987, p.209).

A concepção freudiana, posteriormente ampliada pela abordagem lacaniana, entende que a mãe encarna o primeiro objeto de amor do *infans*. O pai, por sua vez, será percebido como intruso e rival. Desde os primórdios a genitora, sustentada pela figura paterna, propiciará ao sujeito uma marca constituinte: o lugar do bebê no discurso parental e a maneira pelo qual tal discurso se colocará em ato no cuidado à criança (LACAN, 1955-1956/1988).

Como destacado ao longo deste trabalho, o corpo tem uma narrativa que é substancializada antes mesmo do nascimento de um bebê. Ricardo Goldemberg em palestra intitulada “A utopia do autoconhecimento”, sintetiza: “*Tenaz e constituinte é o desejo inconsciente*”.

É ao corpo do *infans* que a mãe se voltará na expressão do afeto, no atendimento da necessidade, na acepção das vocalizações de sua prole, nos movimentos de repreensão, entusiasmo, satisfação, angústia, dentre todas as equações na inscrição da filiação. Como teorizou Lacan, desde a precipitação da vida comparece no corpo do bebê o desejo materno que, inicialmente, potencializará uma pré-acepção de seu corpo (LACAN, 1949/1998). A fantasia de ser uno com a mãe cederá lugar a precipitação do Simbólico que, na melhor das hipóteses, conjugará a despedida à esta alienação infantil e à abertura a possibilidade de subjetivação. Como pontuou Levin (1995):

A realidade e o corpo constituem-se em relação ao Outro. São uma realidade e um corpo conformados por histórias, demarcações, mitos, desejos, representações que se relacionam indefectivelmente com o discurso que lhes dá origem (p.18).

O Complexo de Édipo (1924/1973) vem lembrar que a vida adulta, de maneira consciente e inconsciente, reflete marcas indelévels inscritas nos primórdios da vida humana pelo registro da maternagem. Ou seja, a mãe atende as necessidades vitais do corpo de um bebê, se atenta às possibilidades de erogeneização deste enquanto objeto sexual atravessado por libido e pulsão e, deste lugar, estabelece uma borda corporal na interdição do gozo. Como explica Lacan em “A báscula do desejo”: “Eu é um termo verbal, cujo uso é aprendido numa certa referência ao outro, que é uma referência falada. O eu nasce em referência ao tu”. (1979, p. 193).

O Édipo, sob a lente de Lacan, deverá implicar no Complexo de Castração e na inscrição do Nome do pai. Ao se fazer par com a mãe na relação triangular, a figura paterna reafirma à genitora o lugar de mãe e, antes dele, lhe outorga aquele de mulher - marcada pela falta (LACAN, 1969-1970). Nas palavras de Levin (1995) a figura paterna carrega a *“possibilidade de Nomeação, que afirma a falta na mãe”* (p.53). O autor analisa ainda:

A mãe afirma: “meu bebe me chama”, e assim a criança “sabe” chamar a mãe, mas não a mulher, a mulher teve que ser chamada pelo pai, a figura paterna que, supostamente, soube como chamá-la. Afirmação paterna, afirmação primordial, que retroativamente situa como a primazia do dizer paterno (lei do pai) é afirmada na relação mãe-criança permitindo a circulação do desejo (corpo castrado-corpo simbólico) (p.53-54).

O Complexo de Édipo aponta que a sexualidade, desde a infância, é instalada na falta. Sob esta posição poderíamos analisar pelo menos duas prerrogativas no percurso de uma criança: i) A mãe que, por vezes, lhe faltará. Que precisará tramitar presença e ausência, antecipação, mas também vazio: Há um choro e a mãe vem - ela não estará pela tarde, mas voltará à noite, por exemplo. ii) E a falta na mãe, que é simbólica e remete a divisão mãe-mulher, à aceção que este personagem não é detentor de todos os objetos e à confrontação com a lei que está no campo do Outro - o pai (Lacan, 1962-1963).

Enquanto a mãe pré-edípica é fálica - onipresente, onipotente e incomensurável aos olhos do bebê, a pós edípica denuncia a diferenciação mãe e mulher e o divórcio com a ilusão de complementariedade, poderio e amor supremo. O pai enquanto detentor do falo nomeará a mulher inacessível ao desejo infantil, daí a interdição (LACAN, 1969-1970).

A castração instalará a proibição, representará a demolição da fantasia infantil, o despedaçamento da redoma mãe-bebê e, ainda, a abertura para horizontes outros. O sujeito que se aninhava ao outro de maneira alienante: *“O teu desejo é sempre o meu desejo”* - como compôs Tom Jobim, realizará o movimento de passagem da passividade para a atividade. O *infans*, então, ultrapassará a parcialidade pulsional reunindo-a no primado fálico e genital, e se submeterá a dinâmica dos Ideais e às exigências que lhe impingem a vida em sociedade e a posição desejante. *“Será que ela é moça, será que ela é triste, será que é o contrário, será que é pintura, o rosto da atriz(...) E se eu pudesse entrar na sua vida(..).”* - divaga Chico Buarque em *“Beatriz”*.

É Lacan (1953-1954) quem nos lembra que:

Na origem, antes da linguagem, o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro (...). E cada vez que nos aproximamos, num sujeito, dessa alienação primordial, se engendra a mais radical agressividade – o desejo do desaparecimento do outro enquanto suporte do desejo do sujeito. (p.197).

A partir de um percurso que deverá compreender o atravessamento do narcisismo, a dissolução do complexo de Édipo, a construção de Ideais do Eu e a instalação do supereu, a criança passará de “sujeito do desejo de outrem” ao lugar de “sujeito desejante”. As equações construídas pelo *infans* a partir da relação com seus pais serão também propulsoras da dívida simbólica, com a qual o humano necessitará

se haver ao longo de seu desenvolvimento. Os enlaces futuros, por sua vez, não serão imunes à ambivalência e à agressividade, inerentes à sexualidade infantil.

Assim, poderíamos pensar que além de “corte” (a castração), há “cicatriz” (os possíveis desfechos deste processo). O Complexo de Édipo não diz apenas do infantil que nos habita, é também a causa para a autorização do desejo e construção do saber. O sujeito que se entrelaçava ao desejo materno, enquanto sintoma constituinte passará a tramitar a fertilização do pensamento e do desejo, para além daquele primeiro - o da mãe (LACAN 1957-1958/1999).

A constituição psíquica, tal qual analisou Lacan (1966), vem lembrar que o corpo traz memórias, inscrições - “alguém inscreveu algo de si em mim”. O que, no entanto, não estanca a possibilidade da reinvenção: a criança deixará de ser o broto de seus pais para gerar frutos outros - afetos, enredos e desfechos ao próprio fantasma. O sujeito que se estabelecia na relação intersubjetiva enquanto Gozo do Outro - “sou o que falta a minha mãe”, passará a lidar com a prerrogativa “sou um sujeito em falta” e, desta condição, buscará rearranjar-se num Gozo outro.

A castração é também uma forma de humanização que aponta além do vazio, a possibilidade de significação. Frente à falta o sujeito poderá eleger um circuito fálico que promova trocas possíveis de equivalências ao “paraíso perdido”. E a fantasia de complementariedade - *“dois corações batendo num só peito”*², cederá à possibilidade do encontro suplementar - *“meu coração (...) bate feliz quando te vê”*³.

Um encontro amoroso frutífero na vida adulta assinala a ligação ao Gozo outro no Outro - daí a relação nunca neutra com o objeto de amor. Daí o corpo que no encontro com um outro enuncia o enriquecimento do repertório psíquico, pela via do desejo. Como pontua Cromberg (2014):

Na tessitura do aparelho psíquico, o trabalho constante do amor se opõe à soberania da crueldade, pois, ao valorizar a mulher e o feminino, permite fazer desaparecer o narcisismo de morte, a onipotência arcaica e sua força destrutiva. (p.383)

² Estrofe correspondente a composição de Ivan Lins “Abajur Lilás”, de 1991.

³ Estrofe correspondente a composição de Pixinguinha “Carinhoso”, de 1917.

Lembremos que em Freud (1924/1975), o nascimento do sujeito remete a pulsão de morte, ao traumatismo e a angustia de castração. Então, o corpo enredado neste cenário poderá ser humanizado se atravessado por Eros, pelo outro, pelo prazer, pelo desejo que, como fio condutor, gera além de complexidades, um sistema psíquico capaz de abrigar o emaranhado de contradições que lhes são constituintes.

Como apontado por Renata Cromberg em aula voltada ao artigo “Análise terminável e interminável” (FREUD, 1937/1996): “*O que se supera, perdura*”. Assim, pode-se considerar que na vida adulta os relacionamentos interpessoais estarão à margem do infantil, que guardou no corpo seu retrato. Se tais encontros atualizam a marca primordial não se encerram nesta, já que colocam o sujeito no terreno da heteronomia - propulsora a invenção.

Ao longo de sua trajetória, o humano necessitará se confrontar com a agressividade e com o arcaico de sua constituição. E do encontro com Outro, para além do núcleo familiar, brotarão circuitos pulsionais mapeados por trocas intersubjetivas, possibilidades de novos recomeços apesar das perdas e a constituição de um corpo atravessado por marcas outras, aninhadas à subjetividade: “*O que será que me dá. Que me bole por dentro será que me dá. Que me brota à flor da pele, será que me dá. E que me sobe às faces e me faz corar. E que me salta os olhos a me atraíçoar. E que me aperta o peito e me faz confessar*”.- escreveu Chico Buarque.

Em carta a Fliess, Freud (1950[1892-1899]/1980) aponta que o sentimento de passagem do tempo se articula pela via de três inscrições psíquicas, sendo elas: os signos perceptivos desde as fases precoces de sua constituição, as marcas mnêmicas que atingem além do organismo - o corpo pulsional e a memória inconsciente, que diz respeito às sensações e informações as quais não temos acesso imediato. Tal constructo nos remete a reflexão que o corpo esta implicado na própria “obra da vida”, ou seja, nas narrativas que o sujeito tecerá ao longo de seu desenvolvimento, na construção de sua trajetória à partir das camadas que o constitui.

Vale enfatizar que a “obra da vida” não termina com uma estruturação psíquica, com o atravessamento da infância ou da puberdade, tampouco com o advento da fase adulta. As relações humanas vem lembrar que o corpo é atravessado pelo arcabouço das experiências remotas, encenado à partir das marcas constitutivas mas se coloca, ainda, enquanto lugar de criação, elaboração, movimento e mobilização de encontros

com aquilo que emana do Outro, em um *quantum* que permanece indecifrável e indeterminado - como o é o desejo humano.

Como analisado neste trabalho, a Psicanálise contempla o corpo pulsional, que se organiza pelo Simbólico – daí a oportunidade do recorte do Outro que ressignifica o corpo de seu objeto de amor. Apresento uma poesia própria que poderia nos auxiliar na tradução desta conceituação:

*De corpo nu
Entrou pelas frestras numa rotina qualquer
Impregnou cozinha, meus lençóis,
toda uma vida
Um cheiro veio morar em mim
Deitou em meu passado,
não quis sair
Da mesa posta, com vista à despedida: “Não volto mais
aqui”
Seu cheiro lambendo os meus cacos, sem se ferir.
Mesmo no espaço vazio do armário,
Nas rugas em minha face
Entre outras histórias que estendi no varal
Ele ainda se põe,
e renasce.
À solidão que mora na despedida, no seu não.
Para as ferrugens que me fiz,
volte ao menos para buscar
O teu cheiro-cicatriz*

O corpo libidinal é, portanto, um corpo marcado por inscrições que, além de se instalarem enquanto consequências de experiências, estão abertas à polissemia de sentidos - ainda por advir, à partir da articulação que o sujeito faça delas. Tal afirmativa remete além dos primeiros anos, o percurso do humano. Como parece dizer o verso da canção, há algo do Outro que me escapa e, ainda, assim me perpassa: “(...) o meu coração dispara quando sente o seu cheiro dentro de um livro (...)”⁴. E se a Psicanálise se atenta à análise do sintoma na subjetividade cabe pensar como se dão e em que se sustentam os atravessamentos do outro que, na fase adulta, mobilizam o sujeito de maneira avassaladora, apaixonante, corrosiva, vibrante e, mesmo em despedida, inscrevem seus vestígios no olfato, na pele, no paladar, na “*força que tinham teus olhos nos meus*”⁵... Mas isso daria “corpo” a um outro trabalho científico.

⁴ Estrofe correspondente a composição de Adriana Calcanhoto, “Vambora”, de 1998.

⁵ Estrofe correspondente a composição de Dori Caymmi, “Saudade de Amar”, de 2002.

6 Conclusão

A dissolução do Complexo de Édipo implica a elaboração da castração, não como tolhida ou empobrecimento à fantasia, mas à articulação de endereçamentos que o sujeito fará a partir dos seus Ideais a ele transmitidos pela sua família e cultura. Estes além de organizarem a gama de desejos que se articularão no percurso humano estabelecerão uma regulação ao Eu – à sua elucidação, agora, sob as admoestações do meio. Lembremos que o eu-ideal conserva parte do narcisismo infantil, ainda que se submeta a consciência moral - colocada a serviço da repressão e da cultura. (FREUD, 1924)

Neste sentido o atravessamento do Édipo e da castração, que também implica a formação do Ideal de Eu, faz ascender o sujeito social, que tramitará suas equações fálicas, armará frente à falta que lhe é constitutiva um percurso singular e realizará com seu desejo uma travessia, que tem por cenário as implicações da comunidade social e cultural.

Então, o processo de constituição do psiquismo que, indubitavelmente, se enlaça à apropriação imaginária do corpo pelo humano, longe de apontar um percurso de vitimização enfatiza a dimensão criativa e sublimatória que poderá advir por parte do sujeito, a partir do que nele se inscreveu ao longo de sua história libidinal. A elucidação quanto as Pulsões e destinos da pulsão (FREUD, 1915/1976) novamente aponta para o protagonismo do sujeito, agora com seu aparato psíquico, frente à energia que lhe interpela o psíquico e o somático.

Em Freud (1914/1980) enquanto a produção de um ideal, ou o processo de idealização, favorece a repressão à medida que estabelece uma série de exigências ao Eu; a sublimação se relaciona a tomada da pulsão pelo viés da invenção, do que se pode fazer diante da falta constitutiva, do que é possível realizar frente a condição de sujeito cindido e desejante.

A sexualidade implicada nos desejos infantis não é erradicada, permanece enquanto fonte para a construção de destinos possíveis às pulsões, que se manifestarão ao longo da experiência humana - demandando ao sujeito um trabalho psíquico. Na busca pela satisfação a pulsão abrirá espaço a encaminhamentos

diversos que poderão relançar possibilidades de subjetivação. Como ponderou Freud, a sublimação envereda uma das *vicissitudes da pulsão*:

[...] a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes do instinto sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social. Ao reforço de energia para nossas funções mentais, por essa maneira obtido, devemos provavelmente as maiores conquistas da civilização. (FREUD, 1909/1976, p.50)

No processo de sublimação, ainda que o motor da pulsão mantenha seu caráter sexual, seu alvo atinge territórios outros, para além do objeto sexual - à medida que, agora, o sujeito passa a ressignificar conteúdos inconscientes e conceder a estes um destino socialmente aceito (Laplanche & Pontalis, 1967). Deste lugar, o desejo passa a construir laços - seja na construção artística ou no envolvimento do sujeito com o esporte e com a ciência, por exemplo.

A sublimação, portanto, mantém a intensidade sexual da pulsão e apresenta “a capacidade de trocar o seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro” (FREUD, 1908/1976, p.193).

O corpo do adulto, então, além de estruturação e rememoração do que se inscreveu ao longo de sua constituição, aponta para o lugar de aceitação de significantes na teia da alteridade, construção de sintomas, reverberações do infantil e do que à partir dele é possível criar, possibilitar, ocupar, simbolizar.

Em um folder que explicava a concepção do espetáculo “Credores” (2012), baseado nos enlances amorosos do diretor Nelson Baskerville, o mesmo escreveu: “Tentei ser sujo e imperfeito, por que não sei ser de outro jeito”.

Neste sentido a sublimação, tal qual postulou Freud, implicaria na possibilidade da pulsão enquanto potência para a criação, para a elaboração de conteúdos e destinos criativos à afetações. Aquilo que avassalara o sujeito passaria a uma transformação: mediante um trabalho psíquico que articularia subjetividade, alteridade e descarga da pulsão, a energia sexual desembocaria para um fim outro que, mantido seu caráter erótico, não se encerraria na esfera do prazer sexual - mas social (FREUD, 1908/ 1976).

A sublimação aponta para o caráter plástico da pulsão, que nos remete também as possibilidades de subjetivação da vida adulta: ao traçar uma saída às próprias tensões, o humano passa dispensar sua energia sexual para a encarnação de uma invenção, que carrega os traços daquilo que lhe atravessa em angústia, mal-estar, sintoma.

A descarga da pulsão, contudo, não se reduz a uma objetivação já que aponta para a polissemia de sentidos a se fazer no registro cultural. Daí o enlace da satisfação pulsional com o “indizível”, o “não emoldurado” por uma resposta ou verdade, o “aberto” a significações no campo do sujeito e do outro. (Lacan, 1964/1988),

Lembremos as múltiplas tessituras pelas quais a arte frente às afetações da vida realiza na dança, na poética, na imagem... um mergulho ao psiquismo pelo corpo, e no corpo, para apreendê-lo em sua complexidade e toma-lo enquanto engenhosidade à arquitetura de formas de subjetividade, alteridade e endereçamentos ao desejo voraz, pulsante, suspenso, humano.

7 Bibliografia

BERGÈS, J. *Escritos da Criança*. Nº 3. Publicação do Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, 1988.

CROMBERG, Renata Udler. *Cena Incestuosa: abuso e violência sexual*. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CROMBERG, Renata Udler. *Sabina Spielrein: Uma pioneira da Psicanálise*. Vol.I. São Paulo: Iluminuras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1888) *Histeria*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1893-1895) *Estudos sobre a histeria*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Freud, vol II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1874).

_____ (1895/1980) *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia"*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1900) *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1980) *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol I. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1950[1892-1899]).

_____ (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol 9. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1905) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1901).

_____ (1905-1906). *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1908) *Moral Sexual "Civilizada" e Doença Nervosa Moderna*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1913). *Totem e Tabu*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1913).

_____ (1914/1980). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1915). *Pulsão e os Destinos da Pulsão*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.I, Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____ (1917). *Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol .XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ (1920). *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*. In: Obras completas, vol XV. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____ (1924). *O Ego e o Id e outros trabalhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____ (1924). *A dissolução do complexo de Édipo*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____ (1925) *Um estudo autobiográfico*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ (1925/1980). *Inibições, sintomas e ansiedade*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937). *Análise terminável e interminável*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1976). *Cinco lições de psicanálise*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).

_____ (1980). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol I. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1950[1892-1899]).

Lacan, J, (1955-56/1988) *O Seminário, livro III: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (1956-7). *O seminário, Livro IV, A relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar,

_____ (1957-58/1999) *O Seminário, livro V: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (1979). *O Seminário. Livro I: Os escritos técnicos de Freud. 1953-1954*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1983). *O Seminário, Livro I, Os escritos técnicos de Freud. 1953-1954*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1986). *O Seminário Livro I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1975)

_____ (1966). *Lê stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*. In: *Écrits I*. Paris: Éditions du Seuil.

_____ (1988). *Seminário. Livro XI: os quatro conceitos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).

_____ (1999). *O seminário. Livro V: formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).

Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

LAZZARINI, Eliana Rigotto, VIANA, Terezinha de Camargo. *O corpo em psicanálise. Teoria e pesquisa*. UFB, Ano 2006, P. 241-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a14v22n2.pdf>

LEVIN, E. *A clínica psicomotora*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.

LEVIN, E. *Escritos da Criança*. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat de PortoAlegre, 1988.